resenhas

A lição de Charcot

Sonia Alberti

Resenha do livro de Antonio Quinet. *A lição de Charcot.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Em 2003, a Contra Capa lançou *Grande histeria,* uma compilação inédita de textos de Jean-Martin Charcot sobre a histeria, organizada e apresentada por Antonio Quinet. Como pude observar em outras ocasiões, esses clássicos da literatura que constituem a base da clínica à qual nós necessariamente nos remetemos hoje – querendo ou não –, levam mais de um século para serem traduzidos em nossa língua! Que alguém se debruce para retomá-los na íntegra é raro e o valor disso para nós, impagável. Mas eis que surge um outro lado da questão: aquele que verdadeiramente retoma tais textos é irremediavelmente tocado por eles. *A lição de Charcot* testemunha o quão longe isso pode levar. Como o próprio autor diz, ao prefaciar seu texto agora publicado, viu-se de repente transportado a um outro espaço, um outro tempo, uma outra cena; lugar do Outro, que, neste caso, constitui a tessitura do que será a "*operótica* freudiana" e o mergulho naqueles *vapores*, para retomar o título do livro de Lange (1689), citado por ele na pequena resenha das concepções da histeria, cujo começo indica seu lugar no Egito Antigo.

Por um lado, a *operótica*, por outro, o interesse histórico por um momento do fim do século XIX, do qual normalmente só temos rápidos *flashes*, que, neste livro, são *gestaltizados*. Para além das imagens fotográficas (ou pintadas, como é o caso do quadro de Brouillet homônimo ao título do livro de Quinet), *A lição de Charcot* retoma inúmeras referências que escutamos sobre essa época: a passagem de Freud em Paris, quando viveu no Hôtel du Brésil, o teatro de Sarah Bernhardt, as grandes crises histéricas no hospital de la Salpetrière, as lições e os saraus das terças-feiras com Charcot, as cenas de sedução e as cenas de horror, tanto as íntimas – o *Horla*, de Guy de Maupassant – quanto as das relações de poder – na escravatura no Brasil e na montagem que se constrói, justamente nessa época, da cientificização da medicina. Foi Charcot, aliás, quem decla-

rou: "Eu nunca disse que a histeria tem por causa o ovário" (p. 98), ao tentar dissuadir cirurgiões americanos de remover os úteros das histéricas em razão da idéia, ainda em vigor no fim do século XIX, de que a histeria teria íntima relação com útero e ovários, levando diversos médicos, como Chrobak, ginecologista amigo de Freud, a prescrever *penis normalis, dosim repetatur.* O que hoje sabemos, graças a Freud e a Lacan, ser justamente o que a histeria recusa! "Situando-se do lado do desejo, ela se priva do gozo" (p. 111).

A própria estrutura de *A lição de Charcot* é dividida, fazendo jus, portanto, à histeria. Inicialmente, uma breve apresentação, em que se entreabre a cortina da relação do autor com a história. Em seguida, a "peça". Aberta de vez a cortina, Quinet põe a histeria em cena. Em quatro atos, recria a sala de aula na Salpetrière, os salões do Hôtel de Varangeville – casa dos Charcot, onde funciona hoje a Maison d'Amérique Latine, em Paris – e, finalmente, a "Outra cena" – o lugar do inconsciente –, espaço cênico que serve de contraponto ao que chama "plano da realidade" e em que tudo é possível, sobretudo cenas traumáticas. Lá, por exemplo, o sr. Machado pode ser tanto o marido da Bela Açougueira quanto o padeiro que seduziu Ema na cena traumática estabelecida por Freud em 1895, em *Projeto para uma psicologia*, ou ainda um açougueiro na sala de anatomia em que se dissecam cadáveres. O que essas personagens têm em comum? Sem dúvida, são figuras do Outro gozador (e castrador, é claro), que faz parte do cenário traumático de toda histeria: algo que impõe uma perda de gozo, como Freud, aliás, já o definia em sua correspondência com Fliess.

Nos quatro atos, a histeria apresentada nas lições, ao vivo e em cores por intermédio das sessões de hipnotismo, é também a histeria do cotidiano na cena dos salões em que intelectuais, artistas e membros da sociedade – além de um ou outro imperador – demonstram que as crises histéricas, o discurso da histérica e os sintomas se presentificam para muito além da doença. Na realidade, "Histeria rima com rebeldia. A encenação histérica revela a rebelião própria e estrutural da histeria, que se recusa a deixar-se dominar" (p. 16), e nos tempos que correm não há aposta maior que aquela feita nesse "tipo clínico", como o chamava Charcot, que emperra as pesquisas, o saber dos mestres da ciência, "inventando novas formas e não respondendo aos tratamentos" (*apud,* p.15). Se, na peça, Babinski encarna o que Quinet depois, em seus comentários, articula com a desclassificação da histeria pela inserção dos discursos neurocientíficos na clínica, "neuroleptizando-a, diabolizando-a, remediando-a" (p. 122), as personagens, cujas vertentes histéricas ficam à mostra por meio de variadas *mises-en-scène* histéricas – da

crise completa na Salpetrière às cenas da cantora lírica Adelina Patti nos salões –, representam a importância fundamental da histeria para barrar a escalada do objeto-corpo medicalizado, como se exprime o autor, em prol do gozo do sintoma.

Tudo isso, no entanto, com humor! "Adelina Patti (*debochada*) – Persistindo os médicos, consultem os sintomas!" (p. 67). Os chistes, aliás, espalham-se por toda a peça, já que, afinal, "A histeria é um estilo!" – frase de um texto surrealista de 1928 que Quinet faz Sarah Bernhardt dizer – e também "toujours la chose genitale" – frase que, na peça, assombra Freud quando ouve seu mestre – Charcot – dizê-la pela primeira vez! A encenação termina como baile de carnaval, apoiando-se tanto no *Macunaíma* encenado por Antunes Filho quanto no texto, publicado há quinze anos na revista parisiense *L'Âne*, em que Quinet afirma o brasileiro como histérico.

A terceira parte do livro é composta de anexos resultantes de uma longa pesquisa sobre a biografia das personagens da peça e as concepções da histeria ao longo da história ocidental. Esses "anexos" desembocam em um posicionamento político: "Histeria já!", palavra de ordem em prol do desejo, da causa analítica e também de uma proposta, a "*histerossomática*" (p. 125-ss), para abordar o corpo na psicanálise como suporte da relação do sujeito com a linguagem – como se exprimia Lacan – e desalojar de vez o olhar cientificista que faz do corpo o objeto "irresistivelmente apropriado pelo discurso do capital [e] um objeto de marketing, lucro e gozo" (p. 124).

A liçaõ de Charcot é tanto um livro político quanto cena de um compromisso da psicanálise com a história, com a clínica, com os discursos e sobretudo com o olhar a partir do qual Quinet encontra, aos poucos, como fazer diferença!



referência bibliográfica

CHARCOT, Jean-Martin. *Grande histeria*. Organização de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

recebido
01/10/2005

aprovado
15/10/2005